

**PEQUENA ESCOLA DO PENSAMENTO
FILOSÓFICO**



KARL JASPERS

**PEQUENA ESCOLA DO PENSAMENTO
FILOSÓFICO**

Tradução do Alemão
Paulo Osório de Castro



cavalo de ferro

Título original: Kleine Schule des Philosophischen Denkens

© 1965, 1974 Piper Verlag GmbH, Munique

© Cavalo de Ferro, 2016, para a presente edição

Revisão: Cláudia Chaves de Almeida

Paginação: Finepaper, Lda.

ISBN: 978-989-623-224-5

1.^a edição, Julho de 2016

Todos os direitos para a publicação em língua portuguesa (Portugal)
reservados por:

© Cavalo de Ferro, marca propriedade de Theoria, Lda.

Rua das Amoreiras, 72 A

1250-024 Lisboa

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida sob qualquer forma ou por qualquer processo sem a prévia autorização e por escrito do editor, com exceção de excertos breves usados para apresentação e crítica.

Quando não encontrar algum livro da Cavalo de Ferro nas livrarias, sugerimos que visite o nosso *site*: www.cavalodeferro.com

ÍNDICE

Prefácio	13
I. O Cosmos e a Vida	17
1. Dois acontecimentos: 1919, 1945	18
2. Cosmos e matéria	19
3. O deserto sem vida do cosmos e o mundo terrestre	21
4. A situação espiritual criada pelas ciências naturais	23
5. Teses sobre o saber universal	27
II. História e Presente	29
1. A imagem da história hoje	30
2. O milagre da história no horizonte cósmico	31
3. A história não é a continuação dos fenómenos naturais	32
4. As ciências históricas e seus limites	33
5. A situação actual e as suas questões	34
6. Consciência do processo de autodestruição	35
7. História e responsabilidade	37
8. Superação da história	39
III. O Saber Fundamental	41
1. Retrospecção e novas questões	42
2. Ponto de partida: a separação de sujeito e objecto	43
3. A operação filosófica fundamental: sobre a consistência do mundo como fenómeno	45
4. Os modos do abrangente	45
5. A transformação da disposição interior pelo conhecimento fundamental	48
6. Procura vã de uma segunda realidade para além da divisão entre sujeito e objecto	49
7. Múltiplos caminhos do pensamento filosófico	51

IV. O Homem	53
1. A problemática do Homem	54
2. A mudez da Natureza e a fala do Homem	55
3. Não nos compreendemos a partir do mundo e da história, nem a partir de nós próprios	55
4. O que a natureza humana determina	56
5. Quem é o Homem, o qual tem consciência de si próprio como um ser independente de cada um dos seus aspectos?	57
6. A luta pela imagem do Homem	58
7. O Homem não se basta a si próprio	59
8. Para além de si: o progresso no mundo	60
9. Para além de si: a transcendência	62
10. Coragem e esperança	63
11. A dignidade do Homem	64
V. Discussão Política	65
1. Exemplo de uma discussão política sobre questões da política alemã	66
2. O que se pode observar a propósito de tais discussões	73
3. Importância da reflexão filosófica na discussão política	75
VI. O Devir do Homem na Política	77
1. Os dois pólos da política	78
2. O aparecimento do Homem na política	79
3. A grandeza do Homem na política	79
4. O caminho: a liberdade política	81
5. A historicidade da liberdade política	82
6. A perdição estará na liberdade?	83
7. A autodestruição da liberdade	84
8. Objecções contra a liberdade	85
9. A alternativa	86
10. A decisão	87
VII. Conhecimento e Juízo de Valor	89
1. O acto filosófico de diferenciação	90
2. Em conversa	90

3. A tese de Max Weber	92
4. Ciências naturais e ciências humanas	94
5. Em que sentido há liberdade?	95
6. A possibilidade de apreciações opostas do mesmo sentido	95
7. Construção dos «derradeiros pontos de vista»	96
8. As forças e as alternativas	97
9. Resumo	98
10. Distância, veracidade, liberdade	99
VIII. Psicologia e Sociologia	101
1. Os aspectos da sociologia e da psicologia: Marx e Freud	102
2. Discussão com um marxista	103
3. Discussão com um psicanalista	105
4. Acerca de tais discussões	108
5. Ciências universais e filosofia	108
6. Consequências da ciência total	110
7. A espontaneidade do homem filosofante	111
IX. Espaço Público	113
1. Exemplos	114
2. Vontade de verdade e vontade de poder	114
3. O império da política	116
4. Projecto de domínio público derivado da ideia de liberdade política	117
5. O universo público dos escritores	118
6. Ideia e realidade	120
7. Sigilo	121
8. Censura	122
9. O risco do espaço público	123
X. As Cifras	127
1. Exemplo: o Sinai	128
2. Mais exemplos	130
3. As cifras provêm da experiência da liberdade	133
4. O conceito das cifras	134

5. A conversão da personalidade da transcendência em linguagem de cifras	135
6. Transformação da religião bíblica	137
7. Ideia de um desenvolvimento das cifras nas suas lutas («teologia filosófica»)	137
XI. O Amor	139
1. Recordar São Paulo	140
2. O amor sexual	141
3. O antagonismo desde o início	141
4. O esquema: sexualidade, erotismo, casamento	142
5. O amor metafísico	143
6. A ocorrência do amor metafísico no mundo é questionável	144
7. Pode o amor metafísico inserir-se na ordem mundana?	145
8. Interpenetração dos tipos de amor e sua inseparabilidade na natureza do Homem	146
9. Amor na acepção mais ampla do seu sentido	148
10. Amor e consciência	149
XII. Morte	151
1. Só o Homem sabe da morte	152
2. Porque existe a morte?	152
3. Medo de morrer e medo da morte	153
4. Ideias acerca do que seja estar morto	153
5. O anseio de imortalização	154
6. Tempo circular e tempo linear	155
7. Temporalidade, intemporalidade, eternidade	156
8. Recordando a viragem filosófica da consciência do ser	157
9. A experiência existencial da eternidade	158
10. Significado das asserções especulativas e existenciais	159
11. A veracidade	159
12. Cifras perante a morte	161

XIII. A Filosofia no Mundo	163
1. Relação da filosofia com o mundo	164
2. A atitude do mundo para com a filosofia	164
3. A filosofia requer verdade	166
4. A veracidade é a ousadia do Homem	166
5. A aristocracia filosófica e a multidão	168
6. A independência do homem filosofante	170
7. A consciência da impotência em geral	171
8. Em especial, a consciência da impotência na situação da nossa época. A pergunta é: encontramo-nos perante o fim?	172
9. Que pode ainda fazer a filosofia?	173



Prefácio

Quando a Radiodifusão Bávara me convidou para fazer semanalmente uma palestra filosófica, durante um trimestre, na sua «universidade televisiva», fiquei surpreendido. Que grande risco que a emissora ia correr e que grande responsabilidade para o conferencista! Não hesitei. A filosofia existe para o Homem enquanto Homem, para cada indivíduo. Como título, propus Pequena Escola do Pensamento Filosófico.

«Pequena» escola, o que não quer dizer discorrer filosoficamente sobre pequenas coisas, nem tampouco expor princípios simples como propedêutica para o filosofar. Não há nem uma coisa nem outra. Quem filosofa deve de imediato enfrentar os grandes temas e a própria filosofia. Se assim não for, então ainda não se está a filosofar. «Pequena» alude apenas à brevidade, à concisão através da qual se deve despertar a atenção por meio dos próprios pensamentos filosóficos.

Pequena «escola», o que não quer dizer ensinar algo que depois se fica a saber. Não se trata de comunicar meramente conhecimentos. Pretende-se, antes, percorrer caminhos do pensamento com a esperança de que estes possam dar ao ouvinte, mesmo que até então só inconscientemente tenha feito as suas experiências filosóficas, aquele empurrão graças ao qual nos apercebemos, de repente, do que se trata efectivamente na filosofia.

Escola do pensamento «filosófico», o que, finalmente, quer dizer levar até ao extremo o pensamento empírico e racional, onde se mostram as origens. Escola não é, aqui, treino em operações de lógica formal, de lógica, de análise

KARL JASPERS

linguística, que têm o seu bom sentido, mas que ainda não é um sentido filosófico. Escola do pensamento filosófico pretende, antes, expor um pensamento que torna mais claro o fundo, em nós e para além de nós, do qual provêm o sentido e a orientação.

As condições exigidas pela televisão são meia hora por semana. Para tal é necessário fazer de cada vez a leitura em voz alta de um tema completo. Escolho (de entre muitos outros possíveis) treze temas:

Pontos de partida:

- I. O cosmos e a vida
- II. História e actualidade
- III. O saber fundamental
- IV. O Homem

Com respeito à política:

- V. A discussão política
- VI. O dever do Homem na política
- VII. Conhecimento e juízo de valor
- VIII. Psicologia e sociologia
- IX. O público

Âncoras na eternidade:

- X. As cifras
- XI. Amor
- XII. Morte

Conclusão:

- XIII. A filosofia no mundo

Em cada uma das palestras, parto de experiências claras, de realidades da Natureza, de realidades da vida, de tradições, para chegar, de cada vez, ao limite em que surgem aquelas perguntas a que nenhuma ciência responde. É aí que experimentamos o espanto perante o Ser. É aí que nos interrogamos quanto ao sentido e à missão da nossa existência.

A coerência entre as palestras não depende de a seguinte resultar daquela que a antecedeu. Cada uma começa de outra maneira desde o princípio. Estão todas dirigidas para um único ponto central, a partir do qual, decididamente, não se pode elaborar um tema. É essa orientação que as mantém coesas.

A filosofia é universal. Não há nada com que ela não tenha a ver. Quem filosofa, interessa-se por tudo. Mas nenhum ser humano pode saber tudo. O que distingue a vã pretensão de tudo saber da via filosófica para o que tudo abrange? O saber é infinito e disperso; o filosofar procura, utilizando o saber, atingir aquele ponto central. O mero saber é um amontoado, a filosofia é sempre um todo. O saber é racional, de igual modo acessível a qualquer intelecto. A filosofia é a maneira de pensar que, como disposição global, passa a fazer parte da natureza de uma pessoa.

É em conformidade com esta maneira de pensar que as palestras se pretendem encaminhar. Voltadas para o real, seja este o que for, pretendem, a partir dele, encontrar os fios condutores para o fundo das coisas ou, a partir daí, tornar mais claras as realidades. Por isso se trata de dar o salto para esse outro pensamento.

Mas as palestras filosóficas, porque dirigidas para coisas tão elevadas, têm de ser modestas. No que diz respeito ao saber que utilizamos, só retiraremos quantidades mínimas de água do mar do conhecimento. E no que diz respeito ao próprio filosofar, somente efectuaremos alguns respiros na infinita vastidão da atmosfera filosófica.

Estas comparações significam, ao mesmo tempo, que a água do saber só se torna alimento espiritual se não estiver presente apenas a razão, mas sim o próprio Homem, que, pensando, se apropria desse saber. O ar puro do filosofar só se transforma em força graças à realidade da existência que nele vive respirando. O facto de isto acontecer pode estimular no ouvinte o pensamento. Mas o mero pensamento não pode dispensar o ouvinte de fazer o seguinte: o passo que tem de ser dado desde o falar sobre e o falar de até à participação é da competência de cada pessoa.

KARL JASPERS

No decurso das palestras, tocaremos os limites seja da esfera empírica seja da esfera lógica. Primeiro, ouviremos respostas. Mas nenhuma resposta será a última; cada uma delas conduzirá a novas perguntas, até que a última pergunta ficará, por certo, sem resposta, mas não será por isso uma pergunta vã. Esta possibilitará, pelo contrário, a concretização da plenitude do silêncio, no qual não já o nada se manifesta, mas sim o que é próprio do Homem, presente graças à sua disposição interior, que pode exprimir a exigência, a razão, o amor.

Basileia, Outubro de 1964

Karl Jaspers